

“COMO QUEM CONTA UM CONTO AUMENTA UM PONTO”, UM RETALHO VIRA FUXICO

GABRIELA PECANTET SIQUEIRA¹; LOUISE PRADO ALFONSO²

¹Universidade Federal de Pelotas – gabrielapecantet@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – louiseturismo@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de uma atividade da cadeira extensionista Patrimônio Cultural, que foi ofertada no curso de Antropologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), no segundo semestre de 2022. Durante as aulas foram tratadas e debatidas questões em torno da conceituação, processo de patrimonialização e princípios internacionais e nacionais sobre patrimônio cultural; a legislação patrimonial vigente no país; a identificação e diversificação dos processos de salvaguarda do patrimônio cultural; bem como estudos de casos sobre o tema no âmbito de projetos de extensão. Como avaliação final, foi proposto ao corpo discente o estabelecimento de interlocuções com pessoas detentoras de saberes, articulando no trabalho a bibliografia obrigatória da disciplina. Para tanto, desenvolvi um estudo sobre a minha experiência na recepção de um saber-fazer (CERTEAU, 1996), pela minha avó Gelsa através da oralidade, a do saber-fazer-fuxico.

O fuxico é feito a partir de retalhos cortados em círculos e fechados com linha e agulha de maneira que formam trouxinhas de tecido. No Brasil, as peças transformadas em fuxico tem um significado próprio: “(...) como quem conta um conto aumenta um ponto, (...) como mudamos a cor do tecido, é como se cada trouxinha fosse uma versão da mesma história” (ROSA; SANTOS, 2006, p.1). A oralidade envolvida na transmissão deste saber, descreve, nomeia, distingue, matiza, irisa e desdobra, contribuindo na passagem do saber-fazer-fuxico de mulheres para mulheres. Uma transmissão oral deste conhecimento carrega temporalidades, e que, a cada repetição ou variação, se atualiza. Apesar de escassos registros sobre a origem do fuxico, há indícios de que sua origem está conectada a uma das Matrizes Culturais Africanas e que, provavelmente, foi difundida em diversas regiões do Brasil no período colonial.

Através das discussões teóricas na disciplina Patrimônio Cultural, aliada à prática extensionista, foi possível a articulação entre os conhecimentos acadêmicos e o saber compartilhado pelas interlocutoras, favorecendo a construção de um caminho que contribui na compreensão da diversidade cultural e pensamento crítico dos problemas que envolvem. Com a finalização deste estudo, juntamente com os demais trabalhos desenvolvidos na disciplina, foi construída uma exposição virtual, intitulada A Oralidade, os Saberes e os Fazeres como Patrimônio, em parceria com a Bibliotheca Pública de Pelotas (BPP) (disponível em: <http://museuhistoricobpp.com.br/4106/>) e um documentário, que leva o mesmo nome (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yW0WL3y5QII&t=4s>). Ambos lançados como parte do Dia do Patrimônio de Pelotas, evento que ocorre desde 2013, recebendo em 2016 o prêmio Rodrigo Melo de Franco Andrade pelo IPHAN, na categoria de “Iniciativas de excelência em promoção e gestão compartilhada do patrimônio” (IPHAN, 2016).

2. METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste trabalho foi realizada uma entrevista narrativa, por videochamada, com a interlocutora Gelsa, branca, casada, com 68 anos, que mora em Guaíba, no Rio Grande do Sul, e é a minha avó. Na entrevista, busquei entender a relação construída por ela com a prática da costura e o saber envolvido no fazer fuxico. O segundo passo envolveu a produção de um vídeo por ela, no qual destacou com quem aprendeu a fazer fuxico e o que significa a prática para si. Ainda, como forma de somar a reflexão tecidas no estudo, estabeleci contato e conversas informais com a artesã Danielle (Dani, a fuxiqueira), residente em Olinda, Pernambuco.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A história das leis que sustentam as políticas oficiais de preservação do patrimônio cultural, no país, revelam uma trajetória da própria construção da concepção de patrimônio, travada com muitos conflitos e disputas (ABREU, 2008). A concepção de patrimônio cultural surgiu fortemente atrelada às perspectivas ideológicas nacionalistas de Estados-nações (FUNARI; PELEGRINI, 2006), o que influenciou a seleção de determinados bens na prática preservacionista, sobretudo, bens materiais e pertencentes a pessoas brancas, de classe alta e de descendência europeia (NOGUEIRA, 2008).

Mudanças significativas foram alcançadas com a Constituição Federal de 1988 (CF/88), que ampliou o conceito de patrimônio (nos artigos 215 e 216) até então definidos pelo Decreto-Lei nº 25/1937. Essa alteração incorporou o conceito de referência cultural e a definição dos bens passíveis de reconhecimento, sobretudo, incluindo os de caráter imaterial. Ademais, ao longo dos anos, novas políticas de patrimônio, ainda que a passos tímidos, têm procurado valorizar a diversidade cultural com a inclusão dos bens culturais que sejam referências dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira como parte de seu patrimônio. Mas, para além do sentido jurídico dado à noção de patrimônio cultural, importa destacar um outro, não menos importante, o de “patrimônio espiritual” (FUNARI; PELEGRINI, 2006, p. 8). O patrimônio possui uma relação com o passado e abrange questões relativas à memória e identidade coletiva, envolve um “receber” dos/as nossos/as antepassados, que transcende, inclusive, o aspecto material (*idem*).

Eu aprendi por volta dos meus 11 anos com a minha avó materna o saber-fazer-fuxico. Dani, a fuxiqueira, também relatou que aprendeu a técnica com sua avó, saber transmitido entre as mulheres de sua família. De acordo com Dani, o fuxico é um saber popular, ancestral e preto e carrega para ela “os sentidos de resignificação, resiliência e resistência”. Minha avó, Gelsa, aprendeu a costurar com sete anos de idade, com sua dinda, que era costureira. Na época, por volta de 1962, morava em Manoel Viana, no Rio Grande do Sul, e foi neste processo que aprendeu a fazer fuxicos (Figura 1).

Hoje, Gelsa faz várias coisas com o fuxico (Figura 2) – almofadas e colchas – e outras peças de artesanato tendo o fuxico como base – tulipas, pimentinhas, corujas, entre outros. Relatou que tem profundo apreço por este fazer, pois coloca muito carinho no fazer-fuxico, seja porque faz para ela mesma ou para alguém. Além disso, para ela é um momento que exige concentração e capricho, a respeito narrou: “Se eu fiz errado, eu volto, desmancho o ponto e faço de novo”.

Figura 1. Almofada de fuxicos



Fonte: autora, 2022.

Figura 2. Gelsa e o saber-fazer fuxico



Fonte: autora, 2022.

Em Pelotas o fuxico também tem espaço. Em meados de 2015, por exemplo, foi destaque nas oficinas intituladas *Confraria do Fuxico*, realizada pelo projeto *Fronteiras: Saberes e Práticas Populares*, do Programa de Educação Tutorial (PET) da UFPel. A oficinaira Mestra Griô Sirley Amaro, conhecida como Dona Sirley, desenvolveu, em uma das oficinas, uma atividade com o objetivo de aproximar gerações presentes com “material cultural das gerações passadas por meio da contação de história, da música e da performance” (MARTINS, 2016, p. 43). Dona Sirley narrou histórias de momentos e pessoas que construíram com a construção da Cultura Negra, além de ter utilizado suas próprias vivências. Após, pediu para que cada participante escolhesse uma palavra que tivesse lido durante a oficina e auxiliou a fazerem fuxicos com a palavra dentro, que posteriormente foi costurado na saia da Mestra Griô. A saia, feita pela própria Mestra, que antes era totalmente branca, foi pouco a pouco preenchida de vários fuxicos, cada um com uma palavra dentro, construindo um coletivo de memórias. A saia torna-se então a expressão dos saberes reunidos.

O fuxico é saber e fazer, é tecido e linha, que conecta e atravessa diferentes regiões no Brasil. A presença deste artesanato é importante na cultura brasileira por carregar em si a ancestralidade de origem africana e por ter na transmissão oral a forma de preservação de um conhecimento tradicional, sobretudo, intergeracionalmente entre mulheres. O fuxico representa mais do que apenas um artesanato, é um símbolo vivo da cultura, da história e da criatividade.

4. CONCLUSÕES

O que se percebe hoje, com as políticas de preservação patrimonial, são avanços e retrocessos na valorização e reconhecimento dos bens culturais, onde interesses políticos são colocados antes dos valores que envolvem os próprios patrimônios, materiais e imateriais, e os sentidos que estes carregam, social e

culturalmente para determinados grupos. Apesar da inovação trazida pela CF/88, o fio condutor da lógica por trás ações patrimoniais ainda segue os interesses de determinados grupos sociais. As detentoras de saberes que transmitem seus fazeres por meio da oralidade, como a do saber-fazer-fuxico, nem sempre estão sob a proteção legal ou amparadas por políticas públicas de valorização e reconhecimento de patrimoniais, o que reforça a oralidade enquanto um importante canal de transmissão e de compreensão do passado.

A arte do fuxico carrega histórias ancestrais africanas, que compõem seus aspectos de ordem subjetiva e o seu valor enquanto um bem cultural. Com a pesquisa desenvolvida, identifico como é alarmante o escasso número de materiais e pesquisas em torno desta. Ainda, existe a “emergência do Outro no campo do Patrimônio Cultural” (ABREU, 2008) para que pessoas, suas histórias, suas tradições e seus aspectos culturais continuem existindo, nas cidades, nos bairros, nas comunidades. Para que o artesanato do fuxico, que tem “origem preta”, conforme a interlocutora Dani, não seja deixado de lado. Devemos “conhecer para preservar”, “preservar para valorizar” e “se auto-reconhecer”: esta deve ser a meta das políticas patrimoniais futuras (NOGUEIRA, 2008, p. 252).

Importa sublinhar que estas reflexões só foram possíveis em virtude do processo de ensino na disciplina de Patrimônio Cultural, que articulou a pesquisa e a prática extensionista. Esta experiência foi fundamental para minha formação enquanto antropóloga por viabilizar um entendimento holístico sobre o tema e permitir o compartilhamento de saberes e dinâmicas culturais através da realização de uma entrevista, da produção de uma exposição e de um documentário, ambos lançados em importante evento de Pelotas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, R. 2008. A Emergência do “Outro” no campo do Patrimônio Cultural. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, Suplemento 7, p. 9-20, 2008.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano 1**. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1996.

FUNARI, P.; PELEGRINI, S.. O patrimônio, do indivíduo à coletividade e a trajetória do patrimônio no contexto mundial. In.: **Patrimônio Histórico e Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 7-29, 2006.

IPHAN. Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade. **Portal do IPHAN**. 2016.

MARTINS, F; KOHLS, T.; BARBOSA, R.; MOREIRA, T.; BUSSOLETTI, D. Confraria do Fuxico – As Tramas e os “Nós” junto ao PET. **Conexões Culturais** - Revista de Linguagens, Artes e Estudos em Cultura. V. 2, n. 1, 2016.

NOGUEIRA, A.. Diversidade e sentidos do Patrimônio Cultural: uma proposta de leitura da trajetória de reconhecimento da cultura afro-brasileira como patrimônio nacional. **Anos 90**, v. 15, n. 27, p. 15-27, 2008.

ROSA, B. F.; SANTOS, D. dos. Artesanato Típico: Fuxico. **Projeto resgate do patrimônio histórico Alto Vale do Itajaí**. Agrônômica, SC, 2006.